



RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA “LINGUAGENS VISUAIS E ETNICIDADES DAS POPULAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS”

NÁGILA DE ANDRADE SANTOS¹

RESUMO

Este relato de experiência é da disciplina Linguagens Visuais e etnicidades das Populações Afro-brasileiras, ministrada pelo professor Dr. Edson Dias Ferreira e pela professora Dra. Marise de Santana, em março de 2023, no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié.

Palavras-chaves: Linguagens visuais, ODEERE, PPGREC, UESB.

INTRA-OLHARES: LINGUAGEM AFETIVA

Para iniciarmos, uma breve explicação sobre a escolha do título: “Intra-olhares: Linguagem Afetiva”. O prefixo “intra” é para expressar a ideia de que os “olhares” que um sujeito lança sobre algo ou alguém parte de dentro para fora. Ao lançar o olhar, impressões e informações “carregam” esse olhar, o olhar pode ser afetado pelo que se vê ou ser afetivo, portanto, o olhar é linguagem. Podendo exprimir todo tipo de sentimento e informar sem dizer uma palavra sequer (FERREIRA, 2019).

Para subsidiar essa argumentação, do olhar ser carregado de impressões, conhecimentos antes de ser lançado a algo ou alguém, o conceito de “o mito do duplo” em Morin, traz a ideia de que “todo significativo

¹ Pedagoga pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Relações étnicas e Contemporaneidade (PPGREC). Bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Membro do Grupo de pesquisa Legados Africanos, Relações Étnico-Raciais e Contemporâneas e Legislação Educacional. E-mail: nagilaandrade19@hotmail.com.

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



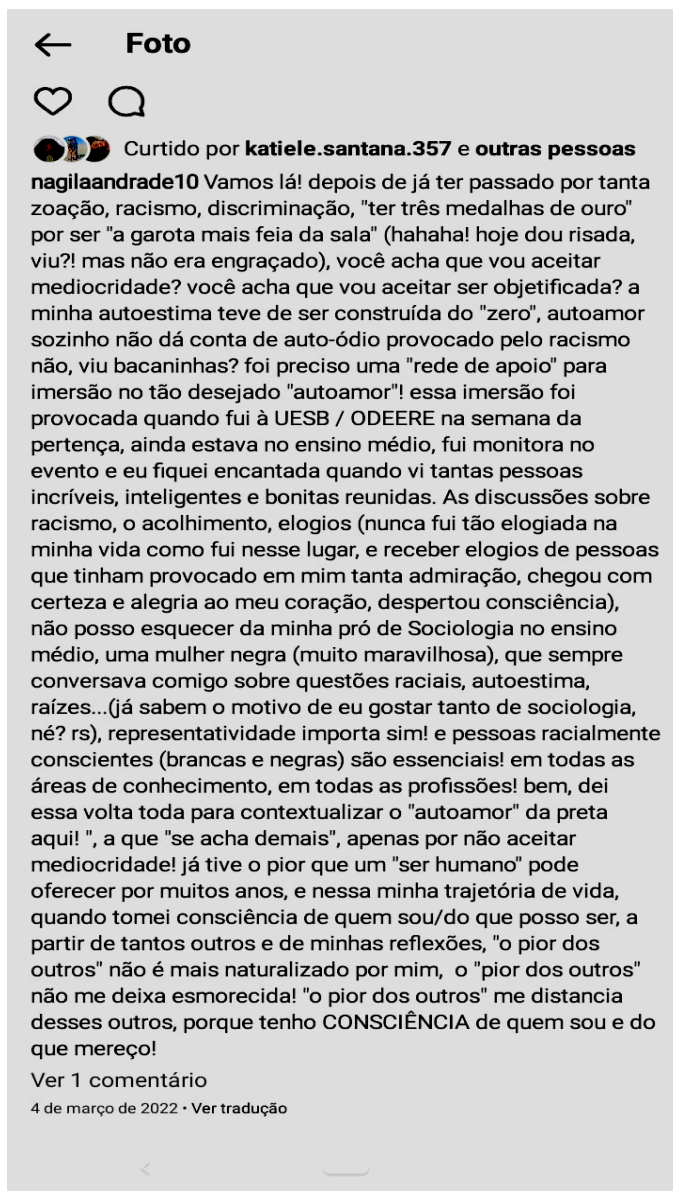
tem um significado " (1975, p. 167). Diante disso, pode-se dizer que, ao lançar o olhar ao significante, o sujeito social, que já é conhecedor de diversos significados exprime suas impressões.

No XIX Seminário do Dia Mundial de combate à Discriminação Étnica, VIII Seminário do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade e o I Seminário do Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações de Candomblé foi realizado nos dias 23/03/2023 a 26/03/2023, pude intra-olhar pessoas, ambientes discursos e afetos.

O primeiro dia do evento ocorreu com a aula da disciplina: Linguagens Visuais e Etnicidades das Populações afro-brasileiras, ministrada pela Prof. Dra. Marise de Santana e o Prof. Dr. Edson Dias Ferreira aos discentes da linha I do programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

A aula foi em uma das salas do ODEERE, órgão que obtive conhecimento por intermédio do Colégio Estadual Doutor Milton Santos - Escola Quilombola, na gestão de Ângela Eça, na minha adolescência, sendo monitora na Semana da Pertença. A partir do dia que conheci o ODEERE, houve modificações que se deram no interior do meu "inter-olhar" e refletiram no exterior; a Semana da Pertença aguçou meu pertencimento em ser negra, por isso o subtítulo desta atividade é: "Linguagem afetiva", pois tenho memórias afetivas no ODEERE.

Trarei abaixo um print de um texto escrito em uma rede social em 4 de março de 2022, onde comento sobre a minha relação com o ODEERE e o que foi ocasionado a partir desse encontro:



FONTE: autoria própria

O texto acima, foi desencadeado para problematizar o conceito do "autoamor" que estava sendo difundido em larga escala nas redes sociais. Que apontava a importância de não esperar aprovação, validação do outro para se amar. Mas, como falar em autoamor em quem viveu anos cultivando o auto-ódio por ter nascido negra e com características fenotípicas essencializadas do que é ser negra em uma sociedade racista? Auto-ódio esse, estimulado por terceiros. Sendo assim, o autoamor para pessoas que são discriminadas em diversos setores sociais entraria em conflito quando exposto

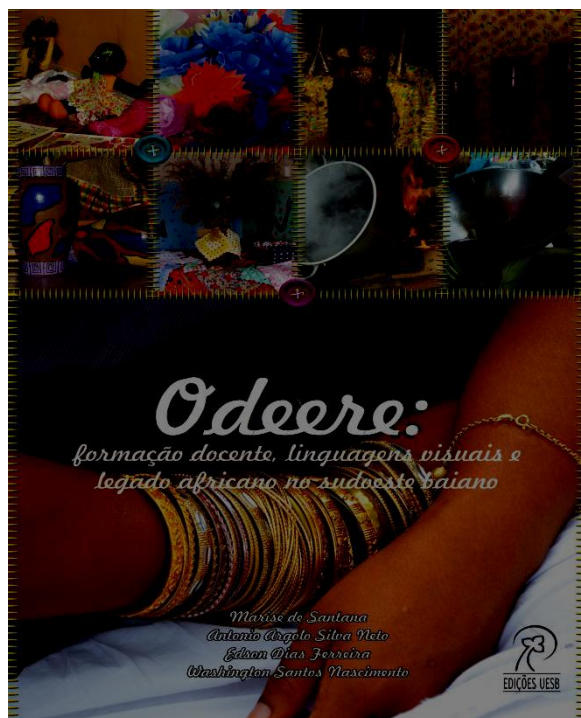


a desqualificação, rejeição e desvalidação desse “autoamor”.

Somos sujeitos sociais, e a relação com os outros também influencia nas percepções que construímos sobre nós mesmos. Por isso, a exposição desse print, para compartilhar a importância de órgãos de educação que façam um trabalho de valorização e reconhecimento de povos que foram e ainda são ultrajados por terem suas etnicidades marginalizadas, por conta do racismo implementado com a escravização dos ancestrais desses povos.

O professor Edson Dias, compartilhou com a turma um sonho que ele teve, e, ao despertar desse sonho, ele escreveu o que experienciou, o sonho, materializou-se no livro: ODEERE: Formação Docente Linguagens Visuais e Legado Africano no Sudoeste baiano, tendo como autores e autora: Antônio Argolo, Edson Dias Ferreira, Marise de Santana e Washington Santos Nascimento.

Capa do livro



Ao sonhar, de acordo com Morin, o cérebro fica em plena atividade, sendo esse sonho, transbordado “(...) para fora do sono, sob forma de fantasia



ou de sonho acordado” (1995, p.128). O sonho do professor Edson Dias transbordou-se em sonho acordado, gerando uma produção textual.

Outro momento que ficou como aprendizagem, foi quando o professor Edson Dias e a professora Marise Santana falaram sobre o conceito de ser afro-brasileiro e afrodescendente, termos que acabam sendo empregados equivocadamente como sinônimos. Afro-brasileiro é concebido como algo étnico, identidade pertencente à um grupo específico, não o atrelando ao que é nacional, para assim, não reconhecer a cidadania plena de quem é afrodescendente, identidade étnica, que segundo Souza; Santana e Santana (2017, p. 161) “(...) não é apenas construída em relação a processos de oposição entre um “nós” e um “eles”, ou apenas pela autoatribuição e atribuição de terceiros de traços culturais diferenciadores. Está presente, também, a “metáfora da família”. Sendo assim, ser afro-brasileiro compete uma identidade de âmbito nacional, mas, como aponta Gonçalves (2016, p. 70), “Ser o não nacional significa não possuir todos os direitos dos nacionais. Aí reside a contradição da identidade afro-brasileira, ou seja, está implícito a denúncia do não reconhecimento da cidadania plena. ” Reconhecer a identidade afro-brasileira como identidade nacional seria reconhecer/visibilizar os legados africanos que estão incutidos na sociedade brasileira; na culinária, música, palavras e etc.

No segundo dia, com a mesa: O fortalecimento do PPGREC como um compromisso coletivo trouxe muitas reflexões acerca da importância de ser um pesquisador comprometido, comprometimento esse que não se limita ao objeto de pesquisa, estende-se ao ser humano e praticar humanidades; ser ético, politizado, envolver-se com a UESB, o ODEERE, ser desses espaços de educação, e não apenas estar.

Como destaque, uma palavra proferida pelo professor Marcos Lopes: “o (a) aluno (a) precisa ter autonomia”. Os (as) professores (as) do PPGREC, as disciplinas ministradas e o (a) orientador (a) do projeto são imprescindíveis no processo de construção da dissertação do mestrado, mas, o (a)



responsável pela concretização do trabalho é o (a) mestrando (a), por isso, ser um (a) estudante que cultive sua autonomia nos estudos pode ser fundamental para efetivação de uma pesquisa que seja relevante para a academia e a sociedade.

O terceiro dia foi marcado pela última aula de Linguagens Visuais e Etnicidades das Populações afro-brasileiras, onde houve a apresentação de uma atividade que envolveu entrevistar pessoas que estiveram no Seminário do dia anterior, para buscar saber se elas sabiam o que significa ser afro-brasileiro e quais legados afro-brasileiros fazem parte da cultura brasileira, também tendo que responder quais critérios foram utilizados para abordar a pessoa entrevistada. O critério utilizado por mim e pela minha equipe foi o da diferença, escolher pessoas que são lidas socialmente como pertencentes de diferentes etnias, a fim de coletar olhares diversos sobre as perguntas elencadas. Pude perceber por meio dessa atividade, que pouco se sabe sobre o que de fato é ser afro-brasileiro, mas quando se trata de reconhecer os legados desse povo, todos conseguem identificar elementos que originam deles.

As fronteiras étnicas no Brasil poderiam se dar de forma mais consciente e com reconhecimento de uma identidade afro-brasileira a nível nacional, sem a racialização de elementos étnicos que fazem parte da cultura brasileira (ARRUTI, 2014).

Como registro fotográfico, deixo essa imagem em grupo da turma X do PPGREC, juntamente com os professores citados aqui anteriormente, Prof. Dr. Edson Dias Ferreira e Profa. Dra. Marise de Santana. Foto essa que expressa imagetivamente etnicidades diversas em um só espaço e dentro de um abraço.

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.
VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO
CANTINHO DO GRIÔ



No quarto e último dia, na encruzilhada de caminhos e saberes, deparo-me com a diretora Ângela Eça, a qual tenho um carinho especial e memórias afetivas e fotográficas. Viajamos juntas como corpo escolar, representando o Estado da Bahia em um Seminário Nacional do Ensino Médio Integral. Ao nos inter-olharmos, nos reconhecemos e demos um abraço, e ela disse: "Que bom te ver aqui". Interpretei o "aqui" como lugar conhecido e pertencente, foi na gestão dela que os alunos da escola começaram a conhecer o ODEERE, e eu fui uma das alunas que foi em uma primeira vez e deu continuidade nos anos seguintes.

Ainda no quarto dia, ouvi o professor Lúcio André dizer algo que me atravessou e me fez recordar sobre um conceito que venho questionando a partir de algumas leituras feitas sobre a Educação para as Relações Étnicas, a tolerância: "tolerar o outro é um absurdo". O conceito de tolerar acaba por deixar o sujeito que tolera em posição elevada, designando o outro, o tolerado, como dependente de uma boa vontade humana. A palavra que



poderia ser mais efetiva quando se trata de questões étnicas, gênero e sexualidade, seria “reconhecer”, reconhecer esse sujeito e suas diferenças.

Inter-olhar perpassa pela linguagem visual, do que é construído cognitivamente, do que é retido na memória. A experiência nesses 4 dias de evento juntamente com a ministração da disciplina “Linguagens Visuais e Etnicidades das Populações Afro-brasileiras”, revisitou memórias, afetos e me motivou enquanto pesquisadora. Caminhos foram trilhados até o presente momento, e novos caminhos serão percorridos, mas, espero encontrar ao longo do trajeto e na concretização dele, pessoas que admiro e que fazem parte de quem eu sou hoje e de onde estou.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José. M. Etnicidade. **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa** / org., Livio Sansone e Cláudio Alves Furtado; prefácio, Lilia Moritz Schwarcz ; apresentação [feita pelos organizadores], com a colaboração de Teresa Cruz e Silva.- Salvador: EDUFBA, 2014, p. 199-213.

FERREIRA, Edson. D. **Linguagens Visuais como pretexto para falar de Relações Étnicas**. ODEERE – Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. ISSN: 2525-4715 – Ano 2019, Volume 4, número 8, Julho – Dezembro de 2019, p. 50-72.

GONÇALVES, Maria. A. R. **SOBRE ETNICIDADE, GRUPO ÉTNICO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO SISTEMA DE ENSINO BRASILEIRO**. REVISTA ENSAIOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – 2016.2 / VOL. 01 64 – 79.

MORIN, Edgar. **Um animal dotado de desrazão. O ENIGMA DO HOMEM: PARA UMA NOVA ANTROPOLOGIA**. ZAHAR EDITORES. 1 Janeiro, 1975, p. 102-137.

SOUZA, Juciara. P. Q.; SANTANA, José. V. J.; SANTANA, Marise. **O VÍNCULO INTRAGRUPAL E A EMERGÊNCIA DAS FRONTEIRAS ÉTNICAS**. Revista RBBA. Vitória da Conquista V.7 nº 1, Julho/2017, p. 144.